

ISTAM

ISTAM

BUL

Burhan Sönmez

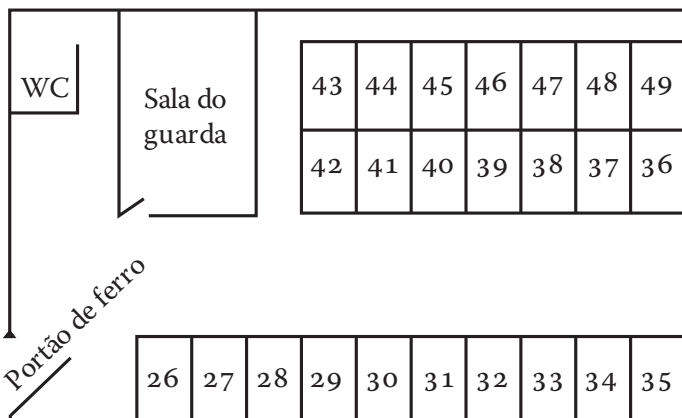
BUL

tradução

Tânia Ganho

Tabla.

Para Kivanç



1º dia	<i>Contado pelo estudante Demirtay</i> O PORTÃO DE FERRO	11
2º dia	<i>Contado pelo Médico</i> O CÃO BRANCO	45
3º dia	<i>Contado pelo barbeiro Kamo</i> A PAREDE	73
4º dia	<i>Contado por Tio Küheylan</i> O LOBO FAMINTO	101
5º dia	<i>Contado pelo estudante Demirtay</i> AS LUZES NOTURNAS	127
6º dia	<i>Contado pelo Médico</i> O PÁSSARO DO TEMPO	157
7º dia	<i>Contado pelo estudante Demirtay</i> O RELÓGIO DE BOLSO	187
8º dia	<i>Contado pelo Médico</i> OS ARRANHA-CÉUS AGUÇADOS	219
9º dia	<i>Contado pelo barbeiro Kamo</i> O POEMA DOS POEMAS	249
10º dia	<i>Contado por Tio Küheylan</i> O RISO AMARELO	285

1º dia

Contado pelo estudante Demirtay

O PORTÃO DE FERRO

— Na verdade, esta é uma longa história, mas serei breve — eu disse. — Ninguém nunca tinha visto tanta neve em Istambul. Havia centenas de pássaros mortos debaixo dos beirais quando, na calada da noite, duas freiras saíram do Hospital de S. Jorge, em Karaköy, com destino à Igreja de Santo Antônio de Pádua para dar a má notícia. Naquele mês de abril, o gelo castigou as flores das olaias e o vento cortante aferrou os cães vadios. Alguma vez ouviu falar de neve em abril, doutor? É realmente uma longa história, mas tentarei ser breve. Uma das freiras que escorregava e tropeçava em meio à nevasca era jovem, e a outra, velha. Já quase na Torre de Gálata, no alto da colina, a jovem disse à companheira: “Um homem está nos seguindo desde lá de baixo”. A freira mais velha respondeu que só podia haver um motivo para que um homem as seguisse no escuro, em plena tempestade.

Quando ouvi o barulho do portão de ferro ao longe, interrompi o relato e olhei para o Médico.

Fazia frio na nossa cela. Enquanto eu contava minha história ao Médico, o barbeiro Kamo se mantinha enrodiado no chão de concreto. Não tínhamos cobertas e, para nos aquecermos, nos aconchegávamos como cães. Como o tempo fora suspenso havia vários dias, não tínhamos ideia se era dia ou noite. Conhecíamos a dor porque revivíamos diariamente o horror que nos comprimia o coração quando nos levavam para sermos torturados. Naquele curto intervalo em que nos preparávamos para a dor, seres humanos e animais, sãos e loucos, anjos e demônios eram todos iguais. Quando o ranger do portão de ferro ressoou no corredor, o barbeiro Kamo se sentou, ereto.

— Vieram me buscar — ele disse.

Levantei-me, fui até a porta da cela e espreitei pela pequena grade à altura dos olhos. Ao tentar discernir quem vinha da direção do portão de ferro, a lâmpada do corredor impediu minha visão. Não consegui ver ninguém; quem quer que fosse estava, provavelmente, à espera na entrada. A luz me ofuscou e pestanejei. Olhei para a cela em frente, me perguntando se a jovem que eles enfiaram lá dentro, hoje, aos empurrões, como se fosse um animal ferido, estaria viva ou morta.

Quando o ruído no corredor diminuiu, voltei a sentar e pousei os pés sobre os do Médico e os do barbeiro Kamo. Para nos aquecermos, encostávamos os pés descalços e bafejávamos o rosto uns dos outros com nosso hálito quente.

Esperar também era uma arte. Escutávamos, em silêncio, o tilintar abafado que vinha do lado de lá da parede.

Quando me atiraram na cela do Médico, ele já estava lá havia duas semanas. Eu era então um saco ensanguentado. No dia seguinte, quando recuperei os sentidos, vi que ele não se limitara a limpar meus ferimentos; também me cobrira com seu casaco. Todos os dias, diferentes inquisidores nos levavam vendados para interrogatórios e nos traziam de volta horas depois, quase inconscientes. Mas o barbeiro Kamo estava à espera havia três dias. Desde que chegara, ainda não o tinham levado para ser interrogado, nem haviam mencionado seu nome.

A princípio, a cela, que media um por dois metros, parecia pequena, mas nos habituamos a ela. O chão e as paredes eram de concreto, e a porta, de ferro cinzento. Não havia nada além disso, e nos sentávamos no chão. Quando as pernas ficavam dormentes, ficávamos de pé e andávamos em círculos. Por vezes, quando levantávamos a cabeça ao ouvir um grito ao longe, examinávamos os rostos uns dos outros sob a luz tênue que se infiltrava na cela vinda do corredor. Passávamos o tempo dormindo ou conversando. Estávamos permanentemente com frio e emagrecíamos a cada dia.

Uma vez mais ouvimos o ranger enferrujado do portão de ferro. Os interrogadores passavam sem levar ninguém. Escutávamos, ansiosos, para ter certeza. Os ruídos esmoreceram quando o portão de ferro se fechou e o corredor ficou deserto.

— Os filhos da mãe não me levaram. Saíram sem levar ninguém! — exclamou o barbeiro Kamo, inspirando fundo. Ergueu a cabeça e mirou o teto escuro; depois, encolheu-se no chão.

O Médico pediu que eu continuasse a história.

No instante em que retomava o relato, dizendo: “As duas freiras, em meio à nevasca cerrada...”, o barbeiro Kamo agarrou meu braço bruscamente.

— Escuta aqui, corno, não pode mudar essa sua história e contar algo mais adequado? Neste frio de rachar, congelando no concreto, ainda temos que ouvir histórias sobre tempestades de neve?

Kamo nos via como amigos ou inimigos? Teria ficado irritado porque contamos a ele que nos últimos três dias ele falava como um louco sempre que adormecia? Seria por isso que nos fitava com um desprezo tão grande e estava sempre carrancudo? Talvez ele aprendesse a confiar em nós se o levassem vendado e lhe retalhassem a pele, se o dependurassem por horas a fio, de braços abertos. No momento, não havia alternativa senão suportar nossas palavras e nosso corpo dolorido. O Médico pousou sua mão sobre o ombro de Kamo, com um gesto suave.

— Durma bem, Kamo — disse, incitando-o a se deitar.

— Ninguém nunca tinha visto tanto calor em Istambul — recomecei. — Na verdade, esta é uma longa história, mas serei breve. Havia centenas de pássaros cantando alegremente debaixo dos beirais quando, na calada da noite, duas freiras saíram do Hospital de S. Jorge, em Karaköy,

com destino à Igreja de Santo Antônio de Pádua para dar a boa notícia. Apesar de ser pleno inverno, os botões das olaias estavam prestes a florir e os cães vadios quase derretiam no calor. Alguma vez ouviu falar de temperaturas tórridas no pico do inverno, doutor? É realmente uma longa história, mas tentarei ser breve. Uma das freiras que cambaleava naquele calor intenso era jovem, e a outra, velha. Já quase na Torre de Gálata, no alto da colina, a jovem disse à companheira: “Um homem está nos seguindo desde lá de baixo”. A freira mais velha respondeu que só podia haver um motivo para que um homem as seguisse no escuro numa rua deserta: estupro. Subiram a encosta em pânico. Não se via viva alma. A súbita onda de calor levava muita gente à Ponte de Gálata para tomar sol nas margens do Corno de Ouro, mas agora, na noite cerrada, as ruas estavam desertas. A jovem freira disse: “O homem está cada vez mais perto e nos alcançará antes de chegarmos lá em cima”. “Então, é melhor corrermos”, respondeu a mais velha. Apesar das saias compridas e dos hábitos incômodos, se puseram a correr, passando por pintores de tabuletas e vendedores de discos e livros. Todas as lojas estavam fechadas. Olhando para trás, a freira jovem disse: “O homem também decidiu correr”. Já faltava fôlego às duas e o suor escorria pelas costas. A freira mais velha sugeriu: “Vamos nos separar antes que ele nos apanhe; assim, pelo menos uma de nós se salvará”. Cada qual se embrenhou por uma rua diferente, sem fazer ideia do que lhes aconteceria. Enquanto se apressava rua afora, a freira jovem decidiu que era melhor

parar de olhar para trás. Lembrou-se da história bíblica, fixou os olhos nas ruelas estreitas para não sofrer o destino de todos aqueles que se detinham para captar um último vislumbre da cidade ao longe. Correu na escuridão, mudando constantemente de rumo. Quem dissera que aquele era um dia amaldiçoado tinha razão. Os médiuns haviam dito na televisão que consideravam a onda de calor em pleno inverno um presságio de calamidade. Os loucos do bairro passaram o dia todo batendo latas. Pouco depois, ao perceber que o único eco que ouvia era o de seus passos, a jovem parou numa esquina. Encostou-se num muro numa rua desconhecida e se deu conta de que estava perdida. As ruas estavam desertas. Acompanhada por um cão que brincava fuçando seus pés, avançou devagar seguindo a linha dos muros. Na verdade, esta é uma longa história, mas serei breve. Quando chegou finalmente à Igreja de Santo Antônio de Pádua, a jovem descobriu que a outra freira não tivera a mesma sorte. Sem demora, contou sua desgraça e causou um alvoroço na igreja. Quando um grupo de resgate se preparava para sair em busca da freira mais velha, o portão se abriu e ela entrou correndo, ofegante e desgrenhada. Desabou num banco, inspirou fundo várias vezes e bebeu duas canecas de água. Incapaz de conter sua curiosidade, a jovem freira quis saber o que acontecera. A mais velha disse: “Corri de rua em rua, mas não conseguia me livrar do homem, até que me dei conta de que não havia escapatória”. A jovem perguntou: “Então, o que aconteceu?”. “Parei numa esquina”, explicou

ela, “e aí o homem também parou.” “E depois?” “Puxei as saias para cima.” “E depois?” “O homem baixou as calças.” “E depois?” “Desatei a correr novamente.” “E então, o que aconteceu?” “O óbvio: uma mulher com as saias levantadas corre mais do que um homem com as calças arriadas.”

Sem se levantar do chão, o barbeiro Kamo desatou a rir. Foi a primeira vez que o ouvimos rir. Seu corpo oscilava suavemente, como se, num sonho, brincasse com criaturas estranhas e maravilhosas. Repeti a última frase:

— Uma mulher com as saias levantadas corre mais do que um homem com as calças arriadas.

Quando o barbeiro Kamo começou a gargalhar descontroladamente, me debrucei sobre ele para tapar sua boca. De repente, ele abriu os olhos e me fitou. Os guardas nos espancariam se ouvissem ou nos obrigariam a ficar de pé encostados na parede por horas. Não era assim que queríamos passar o tempo que nos restava antes da próxima sessão de tortura.

O barbeiro Kamo se sentou encostado na parede. Respirou fundo e seu rosto ficou sério, de volta à expressão habitual. Parecia um bêbado que, depois de tropeçar e cair numa vala na noite anterior, acordava sem fazer a mínima ideia de onde se encontrava.

— Hoje sonhei que ardia — disse ele. — Estava no último círculo do inferno e tiravam lenha das fogueiras dos outros para colocar na minha. Mas, diabos, eu continuava com frio! Os outros pecadores gritavam e meus tímpanos se arrebentaram e sararam mil vezes. O fogo era cada vez

mais intenso, mas eu não conseguia arder como era de se esperar. Vocês não estavam lá, examinei todos os rostos, mas não havia sinais nem de um médico, nem de um estudante. Eu ansiava por mais fogo, chorava e implorava, como um animal a caminho do matadouro. Os ricos, os pregadores, os maus poetas e as mães sem coração, que ardiam diante de mim, me fitavam por entre as chamas. A ferida no meu coração se recusava a queimar e a se transformar em cinzas; minha memória se recusava a se fundir ao esquecimento. Apesar do fogo que derretia até metal, eu ainda me lembrava do meu maldito passado. “Arrependa-se”, disseram. Mas seria suficiente? Quando se arrependeram, suas almas se salvaram? Todos vocês, moradores do inferno! Patifes! Eu não passava de um mero barbeiro que punha comida na mesa e gostava de livros, mas não tinha filhos. Quando tudo começou a correr mal na nossa vida, minha mulher não me censurou. Eu esperava que ela o fizesse, mas ela não me deu nem o gostinho das suas imprecações. Sempre que bebia, dizia a ela o que pensava quando estava sóbrio. Numa noite, me coloquei diante dela e disse: “Sou um pobre infeliz”. Esperei que ela me humilhasse e gritasse comigo. Procurei um olhar de desdém, mas, quando ela desviou o rosto, vi que sua expressão era unicamente de tristeza. A pior coisa das mulheres é que são sempre melhores do que nós. Isso inclui minha mãe. Vocês me acham esquisito por dizer essas coisas, mas não me importo.

O barbeiro Kamo cofiou a barba ao virar seu rosto na direção da luz que entrava pela grade. Embora não tivesse

se lavado por três dias, era óbvio, pelo cabelo sebento, pelas unhas compridas e pelo fedor rançoso que o acompanhavam desde o primeiro dia, que fugia da água mesmo antes de ser preso. Eu até me habituei ao cheiro do Médico e me tornara bastante consciente do meu próprio odor, mas o fedor de Kamo teimava em imperar na cela, bem como os maus agouros que oprimiam sua alma. Agora, depois de três dias de silêncio, não havia quem o calasse.

— Conheci minha mulher no dia em que abri a barbearia, com o letreiro “Barbeiro Kamo” na vidraça. O irmão dela começaria a frequentar a escola e ela o levou para cortar o cabelo. Perguntei ao rapaz como se chamava e me apresentei: “Meu nome é Kamil, mas todos me chamam de Kamo”. “Está bem, Kamo *Ağbi*”,¹ disse o rapaz. Brinquei com ele de adivinhas e contei histórias engraçadas sobre a escola. Quando perguntei a ela, minha futura mulher, que nos fitava sentada num canto, respondeu que acabara recentemente o ensino médio e que trabalhava em casa como costureira. Desviou os olhos de mim e observou a fotografia da Torre da Donzela² pendurada na parede, o manjericão abaixo dela, o espelho com a moldura azul, as lâminas de barbear e as tesouras. Quando lhe dei um pouco da água-de-colônia que usei no cabelo do rapaz, ela abriu a mão e fechou os olhos ao levar a pequena palma ao nariz e inspirar fundo. Nesse instante, sonhei que era a mim que ela via

1 Termo afetuoso e respeitoso, usado em referência a um homem mais velho. [Todas as notas são da tradutora.]

2 Também conhecida como Torre de Leandro.

por dentro das pálpebras; desejei que fossem os olhos dela, e os de ninguém mais, que me tocassem até o fim dos meus dias. Enquanto ela saía da barbearia, com seu vestido florido e perfumada com água-de-colônia de limão, fiquei à porta observando. Não perguntei como se chamava. Era Mahizer, a mulher que entrou na minha vida com suas mãos pequeninas e que eu acreditei que seria para sempre.

Nessa noite, voltei ao velho poço. Era um poço que havia no quintal da casa onde eu crescera, no bairro de Menekşe. Quando sozinho, eu me debruçava na beirada e encarava a escuridão lá no fundo. Não via o dia passar, nem lembrava que existia outro mundo além daquele poço. Sua escuridão era serena, sagrada. O cheiro da umidade me inebriava e me deixava zozzo de prazer. Sempre que alguém dizia que eu era parecido com meu pai, a quem nunca conheci; ou quando minha mãe me tratava pelo nome dele, Kamil, em vez de Kamo, eu corria para o poço, ofegante. Eu enchia os pulmões de ar no escuro e me debruçava no poço, acalutando a fantasia de mergulhar nele. Eu queria me libertar da minha mãe, do meu pai e da minha infância. Filhos da mãe! O noivo da minha mãe a engravidou e, em seguida, se suicidou; mas ela decidiu me parir, embora isso significasse a rejeição da família, e me deu o nome do falecido noivo. Mesmo quando eu já tinha idade suficiente para brincar na rua, me lembro de, muitas vezes, ela me pegar no colo, meter seu seio em minha boca e chorar. Eu sentia o sabor não do leite, mas das lágrimas da minha mãe. Fechava os olhos e contava nos dedos, repetindo para mim mesmo que dali

a pouco aquilo acabaria. Certa noite, quando começava a escurecer, minha mãe me encontrou debruçado no poço e me puxou para trás pelo braço com toda a força. Nesse instante, a pedra sobre a qual ela se encontrava cedeu de repente. Ainda hoje ouço o grito da minha mãe ao cair. Já passava da meia-noite quando conseguiram tirar o corpo do fundo do poço. Depois da sua morte, fui morar no orfanato de Darüşşafaka e adormecia às voltas com devaneios, em dormitórios onde todos contavam suas intermináveis histórias de vida.

Kamo nos olhou para ver se continuávamos a escutar seu relato.

— Ao longo do nosso noivado, dei a Mahizer romances e livros de poesia. Nosso professor de literatura do liceu costumava dizer que toda pessoa tinha a sua linguagem própria e que podíamos compreender algumas pessoas com flores e outras com livros. Mahizer cortava moldes em casa e costurava vestidos; por vezes, escrevia poemas em pedaços de papel e pedia ao seu irmão que os entregasse a mim. Eu costumava guardar esses poemas na minha barbearia, numa caixa na gaveta, junto dos sabonetes perfumados. O negócio corria bem, os clientes regulares só aumentavam. Um dia, um dos meus clientes, um jornalista que entrara para cortar o cabelo e saíra com um grande sorriso, foi alvejado à porta. Os dois agressores correram para o homem caído no chão e, depois de dispararem mais um tiro na cabeça, gritaram: “Se não gostou, pode continuar sua caminhada, amigo!”. No dia seguinte, uma multidão se

reuniu na rua ainda manchada de sangue para prestar homenagem ao jornalista. Eu me juntei a eles, em honra do corte de cabelo, e fui ao funeral. Não tinha fé na política. Hayattin *Hoca*,³ meu professor de literatura, foi a única pessoa política com quem senti afinidade. Embora ele nunca mencionasse questões políticas, era comum encontrar jornais socialistas despontando da sua pasta. Meu ceticismo era total: como é que a política, feita por pessoas, poderia mudar o mundo? Quem quer que afirmasse que a bondade salvaria a sociedade e a tornaria feliz não entendia nada sobre o ser humano. Os filhos da mãe agiam como se o egoísmo fosse um conceito que não existisse! O individualismo, a ganância e a rivalidade eram a base da natureza humana. Quando eu dizia essas coisas, meus clientes protestavam e discutiam com fervor para tentar mudar minhas ideias. “Como pode um amante da poesia pensar essas coisas?”, bradou um deles, enquanto esperava sua vez. Postou-se ao lado do espelho e leu em voz alta vários versos de *As flores do mal* colados ali. A violência não dava sinais de abrandar, ouvíamos pessoas serem alvejadas nas ruas vizinhas. Uma vez, um jovem cliente entrou correndo na barbearia, num estado deplorável, e me pediu que escondesse sua arma antes que a polícia o apanhasse. Ocasionalmente, eu ajudava uma ou outra pessoa, o que não queria dizer que eu desse bola para a política. Meu único interesse era economizar e comprar uma casa, ter filhos e passar minhas noites com

3 Professor.

Mahizer. Mas, não sei por que, ela não conseguia engravidar. Quando fomos ao médico, no nosso segundo ano de casamento, descobrimos que era eu quem não podia ter filhos.

Certa noite, quando fechava a barbearia, vi três pessoas atacarem um homem. Era Hayattin *Hoca*, meu professor de literatura. De navalha em punho, corri até eles e rasguei suas mãos e rosto. Os ofensores, apanhados de surpresa, fugiram, desaparecendo na escuridão. Hayattin *Hoca* me abraçou e, enquanto caminhávamos, falamos sem parar. Acabamos entrando numa taberna, em Samatya. Conversamos sobre nós mesmos. Depois de Darüşşafaka, Hayattin *Hoca* mudara duas vezes de escola e reduzira o número de horas de aulas, passando a dedicar mais tempo às suas atividades políticas. Ele se preocupava com o futuro do nosso país. Soubera que eu tinha ido para a universidade estudar língua e literatura francesas. Mas desconhecia que eu desistira no segundo ano por ter que trabalhar, e ficou triste quando contei. Quando perguntou se eu ainda me interessava por poesia, murmurei vários versos de Baudelaire que decorara nas suas aulas. Sorriu de orelha a orelha, orgulhoso, e se lembrou da vez em que ganhei o primeiro prêmio no concurso de declamação de poesia. Fizemos um brinde com nossos copos de *raki*.⁴ Hayattin *Hoca* ficou feliz em saber do meu casamento, mas ele continuava solteiro. Aparentemente, havia se apaixonado por uma das suas alunas

4 Bebida nacional turca, feita à base de figos e uvas destilados, aromatizada com anis.

anos antes, mas não se declarou a ela e, quando soube que a jovem se casara ao terminar os estudos, resignou-se à solidão. Bebemos até de madrugada. Recitei poemas de cor e ele leu poemas que escrevera para sua amada. Não sei como cheguei em casa. Somente depois de ficar sóbrio, no dia seguinte, foi que me lembrei de ter ouvido o nome de Mahizer nos poemas de Hayattin *Hoca*.

Não fui ao funeral dele um mês depois. Hayattin *Hoca* tomou um tiro certo na cabeça quando saía da escola. Na sua pasta, encontraram um poema dedicado a mim, sobre corajosos cavaleiros numa tempestade. Um amigo dele me entregou o poema. Nessa noite, me agarrei a Mahizer e supliquei que nunca me deixasse. “Por que eu deixaria você, meu marido bobo?”, reagiu. Eu havia levado para casa a caixa que guardara por anos na gaveta dos sabonetes, na barbearia. Ao abri-la, tirei os pedaços de papel com os poemas que Mahizer escrevera quando estávamos noivos. Pedi que os lesse para mim. Os papéis cheiravam a rosa e alfazema. Enquanto Mahizer os lia, abri sua blusa e chupei seu seio. Queria beber leite, mas sentia o gosto das lágrimas que escorriam por seu peito. Três meses se passaram. Uma noite, Mahizer chorou outra vez enquanto me açoitava com perguntas, sua voz trêmula. Perguntou quem matara Hayattin *Hoca*. “Ele nunca tomou liberdades comigo”, disse ela. Durante várias noites, enquanto dormia, eu dissera que ele merecia morrer. “De quem mais falei?”, eu quis saber. “Quer dizer que há mais gente?”, perguntou Mahizer. Jurei pela minha mãe. “Não tive nada a

ver com a morte dele”, garanti, “o que se diz em sonhos não significa nada.” Vesti o casaco e saí na noite fria. Que ilusão! Minha alma estava cansada. Velho tolo. Minha alma, que costumava ter asas de fogo e levantava voo ao menor impulso. Ah, velho doente e ofegante, inútil mula de trabalho! Haverá coisa no mundo que não se acabe em cinzas? A minha alma, miserável, senil, pobre maldita. Nem o prazer da vida nem a torrente do amor conseguem te alcançar agora. O tempo acelera. Quando respiro, sinto, no meu íntimo, que me dissolvo e perco os pontos de referência. Como foi que cheguei ao topo do poço, como foi que levantei as pedras e ergui sua tampa? Não estava no meu juízo perfeito. Me debrucei sobre o poço e gritei. Mãe! Quando metia o seio à força na minha boca, por que me dava lágrimas em vez de leite? Mãe! Quando se agarra ao meu corpo diminuto, por que repetia febrilmente o nome do meu pai morto em vez do meu? Eu sabia que você pensava no meu pai quando me chamava de Kamil em vez de Kamo. Também gritou Kamil na sua última noite. Eu sempre soube que a pedra na qual você subira estava solta. Era evidente que cairia, mãe! Você disse que nasci graças ao meu pai, que eu devia minha vida a ele. Maldição! Os mortos estavam mortos e enterrados! Você não percebia como a luz era cruel. A luz só mostrava as coisas por fora. Nos impedia de olhar para dentro.

O barbeiro Kamo murmurou essas últimas palavras como se falasse com seus botões. Inclinou a cabeça para a frente, depois a lançou para trás e bateu com ela na parede.

— Ataque epiléptico — diagnosticou o Médico, apressando-se a deitar Kamo no chão. Meteu o pedaço de pão que tínhamos guardado para o nosso novo companheiro de cela, que podia chegar a qualquer instante, entre os dentes de Kamo, para que ele não mordesse a língua. Segurei seus pés. Kamo estava completamente descontrolado em convulsões, sua boca espumava.

A porta da cela se abriu. O guarda ergueu a sobrancelha e gritou:

— O que está acontecendo aqui?

— Nosso amigo está tendo um ataque epiléptico — explicou o Médico. — Precisamos de algo com cheiro forte para acalmá-lo, como água-de-colônia ou uma cebola.

O guarda entrou na cela e disse:

— Caso o idiota do amigo de vocês morra, me avisem para que eu leve o corpo.

Mas, para se assegurar, debruçou-se sobre Kamo e examinou seu rosto. O guarda fedia a sangue, bolor e umidade. O cheiro pestilento de álcool no hálito deixava claro que andou bebendo antes do seu turno. Ele esperou um pouco, depois se endireitou e cuspiu no chão.

Enquanto o guarda fechava a porta, vi o rosto da jovem que haviam trazido naquele dia pela grade da cela em frente. Tinha o olho esquerdo fechado e um corte no lábio inferior. Era seu primeiro dia ali, mas via-se, pela cor dos ferimentos, que vinha sendo torturada por muito tempo. Me agachei assim que a porta se fechou. Agarrei as pernas de Kamo e encostei o rosto no chão para observar os pés

do guarda pela fresta debaixo da porta. O guarda voltara para junto da jovem e esperava, imóvel. Percebi isso porque os pés dele não se moviam. Por que a jovem não se afastava da grade, nem se sentava na escuridão da cela? O guarda não xingava, nem batia na porta da jovem para ameaçá-la, ou irrompia pela cela adentro para atirá-la contra a parede. O corpo de Kamo se relaxava e se contraía alternadamente, tentando libertar suas pernas das minhas mãos. Esticava os braços e tentava alcançar as paredes da cela. Depois de uma última convulsão, os espasmos pararam e Kamo não respirava mais como um asmático. O guarda que vigiava a cela em frente deixou a jovem sozinha e se foi; o som dos seus passos ficando cada vez mais distante. Levantei-me e espreguei. Quando vi a jovem junto à grade, acenei com a cabeça, mas ela não se moveu. Depois de um tempo, voltou para dentro, desaparecendo no escuro.

O Médico se encostou na parede e esticou as pernas. Pousou a cabeça de Kamo no seu colo.

— Nesta posição, ele vai conseguir dormir um pouco — disse.

— Ele consegue nos ouvir? — perguntei.

— Alguns doentes conseguem ouvir neste estado, outros não.

— Não é boa ideia ele nos contar tantos pormenores sobre si mesmo; é melhor avisá-lo.

— Tem razão, ele deveria parar com isso.

O Médico olhou para o barbeiro Kamo como se fosse seu filho, e não um doente. Limpou o suor da sua testa e passou a mão nos seus cabelos.

— Como está a jovem da cela em frente? — perguntou.

— Tem o rosto coberto de cicatrizes antigas. Está claro que vem sendo torturada há muito tempo — respondi.

Olhei para o rosto sereno do barbeiro Kamo. O cliente que o achara estranho tinha razão. Como é que um homem assim podia amar poesia? Dormia como uma criança exausta que havia brincado na rua o dia todo. Por trás das pálpebras, debruçava-se no poço, seus olhos fixos na escuridão. Agarrara-se tantas vezes a pedras úmidas que já não confiava nas que eram estáveis, descia com a ajuda de uma corda que lançara para o interior do poço e se deixava cair na água. Ali, Kamo era simultaneamente o norte e o sul, possuía o leste e o oeste. Sua existência exterior fora completamente aniquilada, ele havia se tornado um poço dentro do poço e água dentro da água.

— Quanto tempo estive inconsciente? — murmurou Kamo, entreabrindo os olhos.

— Meia hora — informou o Médico.

— Minha garganta está seca.

— Sente-se. Devagar.

Kamo sentou-se e se encostou na parede. Bebeu água da garrafa de plástico que o Médico lhe deu.

— Como se sente? — perguntou o Médico.

— Merda, me sinto cansado e descansado ao mesmo tempo. Devia ter contado a vocês da minha doença. Começou logo após a morte da minha mãe. Não durou muito tempo e, semanas depois, eu já estava melhor. Mas dizem que o passado sempre volta para nos assombrar. Quando Mahizer me deixou, as crises recomeçaram.

— Demirtay e eu tomaremos conta de você. Uma coisa importante, Kamo, é conversar, mas nestas celas há regras. Não sabemos quem vai ceder à tortura e confessar todos os segredos, nem quem vai dizer aos interrogadores o que ouvir aqui dentro. Podemos conversar amenidades e compartilhar nossos problemas para passar o tempo, mas temos de guardar nossos segredos para nós. Entendeu?

— Sem nunca contar a verdade uns aos outros? — perguntou Kamo. O homem duro agora desaparecera e, no seu lugar, restara um enfermo dócil.

— Guarde seus segredos para você — respondeu o Médico.

— Não sabemos por que te trouxeram para cá nem queremos saber.

— Não têm curiosidade de saber que tipo de pessoa eu sou?

— Ouça, Kamo. Se estivéssemos livres, eu não me interessaria em conhecer você, nem estar no mesmo lugar que você. Mas, aqui dentro, estamos à mercê da dor, abraçamos constantemente a morte. Não estamos em posição de julgar ninguém. Curemos as feridas uns dos outros. Sempre nos lembrando de que, aqui, somos a forma de ser humano mais pura que existe: a do ser humano que sofre.

— Vocês não me conhecem — disse Kamo. — Ainda não contei nada.

O Médico e eu nos entreolhamos e esperamos em silêncio.

Era evidente que o barbeiro Kamo escolhia e pesava cuidadosamente cada palavra antes de falar.

— Minha memória, da qual ainda agora me queixava, é como um agiota ganancioso: arrecada todas as palavras. Você, estudante de merda, sabia que foi Confúcio quem supostamente disse aquela frase da história que acabou de nos contar? Na minha barbearia, sobre o espelho, alinhado à bandeira nacional, havia o cartaz de uma mulher seminua. Essa frase ficava na parte de baixo do cartaz. A jovem vestia uma linda saia, que puxara para cima. Corria o mais depressa que suas pernas compridas lhe permitiam, com a cabeça timidamente virada para mim e para os meus clientes na fila de espera. Entre as pernas, lia-se: “Uma mulher com a saia levantada corre mais do que um homem com as calças arriadas”. Por vezes, meus clientes se perdiam na beleza da jovem e pensavam que aquelas palavras não podiam ser verdade. Imaginavam que, se alguma vez tivessem a oportunidade de estar com ela, seriam tão felizes juntos que se esqueceriam do resto. Quando, certo dia, um dos meus clientes, um escritor, olhou para o cartaz e suspirou “Ah, Sonya!”, todos o ouvimos e pensamos que fosse o nome da jovem. Quando chegou a sua vez de ser atendido, o escritor iniciou uma longa conversa. No fim, acabou comentando algo sobre mim. Disse que minha alma era como a dos russos. Ao ver minha surpresa, repetiu coisas que eu dissera nas suas visitas anteriores e que ele guardara na memória.

Disse que, se eu tivesse nascido na Rússia, teria sido ou um membro da família Karamázov, ou vivido como o Homem Subterrâneo, ou sido um desgraçado, como Marmeladov,

pai de Sonya. Tudo o que o escritor disse acerca dessas personagens de Dostoiévski se aplicava a mim. Dostoiévski as descrevera com o mesmo transtorno mental, primeiro Marmeladov em *Crime e castigo*, depois na primeira parte de *Memórias do subterrâneo* e, por fim, na totalidade de *Os irmãos Karamázov*. Não havia uma grande diferença entre essas personagens, mas o suficiente para levá-las a jornadas muito distintas ao longo da vida. Marmeladov, o pai de Sonya, era um homem destroçado, tinha consciência de que era patético e se rebaixava constantemente. Era um pobre coitado, vítima do seu destino. E Sonya adorava seu miserável pai. Ah, Sonya, bela e pobre prostituta! Quem não cometeria homicídios brutais por ela, para ser digno do seu amor? Quanto ao Homem Subterrâneo, revelou sua própria mesquinhez, em forma de ira, para expor a mesquinhez dos outros. Sua obsessão em encontrar pessoas semelhantes, em colocar um espelho diante do seu rosto, destruiu sua alma. A jornada dos Karamázov, por outro lado, foi uma história bem diferente. Eles estavam em conflito consigo mesmos, com os outros e até com a vida em si. Não se sentiam desesperados como Marmeladov, nem encaravam a própria mesquinhez como um instrumento para expor a dos outros, como acontecia com o Homem Subterrâneo. A mesquinhez era seu destino inexorável, uma ferida supurante. Se esforçavam, não para aceitar a vida, mas para contestá-la, e, quando sofriam, derramavam seu sangue e o atiravam na cara da vida. Hoje, também para mim, a vida abriu uma página nova. Malditos sejam!